

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO EDUCAÇÃO FÍSICA**

EVELIN FRANCISCO LOURENÇO

**CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA**

FLORIANÓPOLIS

2019

EVELIN FRANCISCO LOURENÇO

**CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA**

**Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em
Educação Física do Centro de Desportos da
Universidade Federal de Santa Catarina como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciada em Educação Física.**

**Orientadora: Profª Dra. Maria Ferminia
Luchtemberg De Bem**

FLORIANÓPOLIS

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lourenço, Evelin
Cultura Africana e Afro-brasileira nas aulas de Educação Física / Evelin Lourenço ; orientador, Maria Ferminia Luchtemberg De Bem, 2019.
49 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Mancala. 3. relações étnicas raciais. 4. Proposta de ensino para a Educação Física. I. Luchtemberg De Bem, Maria Ferminia. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação Física. III. Título.

Evelin Francisco Lourenço

Cultura africana e afro-brasileira nas aulas de educação física

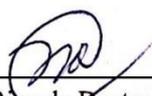
Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciada em Educação Física” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física.

Local, 25 de novembro de 2019.

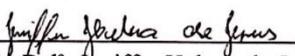
Banca Examinadora:



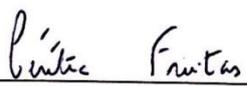
Profa. Dra. Maria Ferminia Luchtemberg De Bem
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. Ricardo Dantas de Lucas
Universidade Federal de Santa Catarina



Profa. Bel^a. Jeniffer Helena de Jesus
Universidade Federal de Santa Catarina



Profa. Dra. Cintia de la Rocha Freitas
Universidade Federal de Santa Catarina

A todos as pessoas que me ajudaram a me tornar o que eu sou, meu pai Osmar, e minha mãe Eunice. Aos meus irmãos que sempre ajudaram a me manter forte nesta jornada. Ao amor da minha vida, minha filha Olivia que sempre foi minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, Maria Ferminia Luchtemberg De Bem, que acreditou no meu potencial, e ajudando em um período muito delicado da minha saúde, me dando força e pegando pela mão. Pessoa admirável que me ensinou muito. Um agradecimento em especial.

Agradeço a Deus, que é o verdadeiro significado de amor e de força que sempre me mostrou o caminho certo a seguir, acreditando a realizar meus sonhos.

Agradeço a minha filha, Olivia que sempre foi minha grande inspiração, cada dia com sua alegria e seu carinho, é para ela que dedico este estudo.

Ao Centro Acadêmico, que me oportunizou diversos momentos de reflexão e vivências me ajudando na formação como pessoa e futura professora.

Ao curso de Educação Física, que possibilitou diversas oportunidades durante a graduação. Ao Professor Jaisson Bassani oportunidade de fazer parte do PIBID.

Aos meus amigos que fiz durante o curso Alessandra, Juliana, Maycon e Olga que se tornaram parte da minha família e nunca me deixaram desistir me dando força nos momentos mais difíceis durante a graduação. A minha prima Aline que foi minha conselheira amiga fiel irmã.

Aos meus pais Osmar e Eunice que são meu alicerce que ensinaram valores que estão enraizados da minha vida, aos meus irmãos Maria Clara, Maria Eduarda, Eduardo e em especial Ana Paula que foi minha principal incentivadora a seguir meu sonho de me tornar Professora de Educação Física. Espero honrá-los todos os dias da minha vida.

E finalmente a familiares e amigos, que me acompanharam na torcida a conclusão deste estudo.

Agradeço ao privilégio de ter feito a graduação em uma universidade publica de qualidade!

Mesmo quando não é bonita ou perfeita. Mesmo quando é mais real do que você gostaria que fosse. Sua história é o que você tem o que sempre terá. É algo para se orgulhar.
(OBAMA, Michelle, 2018)

RESUMO

Ensinar a cultura Africana e Afro-Brasileira objetiva um maior reconhecimento e, por conseguinte, a valorização da identidade e busca da igualdade e valorização das raízes africanas da nação brasileira. Este estudo teve como objetivo propor e implementar uma Unidade de Ensino, contemplando jogos e brincadeiras Africanas e Afro-Brasileiras como um instrumento facilitador na educação das relações étnico-raciais no cotidiano escolar, como conteúdo da disciplina de Educação Física. Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, quanto aos objetivos classificada como descritiva e exploratória com abordagem qualitativa e os dados analisados em categorias. Para a coleta de dados utilizou-se: a) Projeto Político Pedagógico (PPP) da Unidade Escolar; b) dois questionários simplificados; c) registro das aulas através de anotações diárias; d) observação das atividades propostas; e) registro dos diálogos dos escolares. Foi aplicada a unidade de ensino durante sete semanas de intervenção. Participaram do estudo 23 alunos do 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal. Dividiu-se em três etapas essenciais: a) escolha do conteúdo; b) intervenção; c) avaliação e aceitação do conteúdo proposto. Resultados: Verificou-se que a escola pesquisada tem boa estrutura física e de corpo docente, atende crianças com vulnerabilidade econômica, de diversas etnias e procedência. A Proposta de ensino foi efetuada em três passos: a) aproximação e identificação sobre o continente africano através das perguntas o que é África? e o autorretrato (início e no final da intervenção; b) a utilização de jogos (formadas por cinco jogos) e brincadeiras africanas e afro-brasileiro sendo o mancala feita com variações, no quadro, no chão (gigante) e online, e na parte final um filme de uma lenda africana. O desconhecimento do Continente Africano e de sua própria origem foi verificado através dos diálogos e do autorretrato. A participação nas brincadeiras e jogos evoluiu no decorrer das aulas, principalmente em relação ao jogo mancala. A projeção do filme foi, depois da mancala, a atividade preferida pelos alunos. Pode-se concluir que mesmo tendo acontecido atitudes positivas com a mudança de atitude em relação ao respeito, cooperação e melhor entendimento de si e dos colegas, em relação às relações étnico-raciais, muito terá de ser feito no ambiente escolar para romper o preconceito racial.

Palavras-chave: Proposta de ensino para Educação Física. Relações étnico-raciais. Mancala.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- O que é África? Qual a sua descendência na opinião dos alunos 3º ano do ensino fundamental de Unidade Escolar Municipal.....	27
---	----

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Questionário Simplificado para uma turma do 3º ano do ensino fundamental.....	44
APÊNDICE 2 - Questionário de conhecimento sobre a mancala.....	46

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	9
1.1 OBJETIVOS	11
1.1.1 Objetivo Geral	11
1.1.2 Objetivos Específicos	11
1.2. JUSTIFICATIVA	12
2. REVISÃO DE LITERATURA	14
3.1 IDENTIDADE NEGRA.....	14
3.2 LEIS REFERENTES À OBRIGATORIEDADE DO ENSINO DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NO NÍVEL ESCOLAR.....	15
3.3 JOGOS E BRINCADEIRAS COM A CULTURA AFRO-BRASILEIRA.....	18
3. MATERIAIS E MÉTODOS	22
3.1 CARACTERIZAÇÕES DO ESTUDO	22
3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA E PERÍODO DE REALIZAÇÃO.....	22
3.3 ETAPAS DA REALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	22
3.4 INSTRUMENTOS PARA COLETA E ANÁLISE DE DADOS	23
3.5 ASPECTOS ÉTICOS	23
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
4.1 LEVANTAMENTO DO AMBIENTE ESCOLAR	24
4.2 DESCRIÇÕES DA UNIDADE DE ENSINO.....	25
5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	36
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE 1	42
APENDICE 2	44

1. INTRODUÇÃO

Em 2003 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) foi alterada pela Lei nº 10.639, que estabelece a obrigatoriedade das temáticas “História e Cultura Afro-Brasileira”. Fazendo parte de um dos programas de ações afirmativas, a Lei em questão busca o reconhecimento, valorização da cultura africana se tornando assim uma vitória para a população negra brasileira. (BRASIL, 2003)

No Brasil 54,9% da sua população é composta por negros e pardos autodeclarados, chegando ao número de 112,7 milhões de habitantes no último censo em 2016 (IBGE, 2019), o que corresponde a uma população negra inferior apenas a Nigéria. Assim, esta Lei pretende reconhecer a importância da questão ao combate do preconceito, ao racismo e a discriminação, com o compromisso de combater a redução da desigualdade no Brasil. (PEREIRA et al., 2018)

A conquista da Lei foi fruto de um processo arduo de lutas políticas e sociais que resultou na valorização da história e cultura do povo negro como forma de reparar os danos causados a sua identidade e aos seus direitos desde a escravatura até nos tempos atuais (SANTOS, 2007).

Historicamente a população negra no Brasil sempre fora vista como seres inferiores as demais raças existentes. Isto acontece desde a forma como estes negros entraram no Brasil. Como escravos, transportados como se animais fossem e, já dentro do Brasil tratados como burros de carga, vivendo em senzalas sem a mínima dignidade para se habitar e fazendo riqueza dos senhores de escravos. (ROSA; BACKES, 2011, p.2)

Desta maneira, o estado brasileiro admite a necessidade de tratar a diversidade étnico-racial para que as relações sociais sejam mais democráticas e plurais nas instituições educacionais e na sociedade brasileira em suspensão a alguns conteúdos eurocêntricos, e então, coadjuvar para a construção de uma imagem positiva da África e do negro.

Soares (1988) observa que os personagens negros dificilmente são encontrados nos livros didáticos, e quando encontrados, fluem de forma depreciativa e raramente têm nomes, sendo tratados de o “negro” ou a “negra”. A mulher negra adulta costuma aparecer como subserviente.

Segundo os autores Guedes; Nunes; Andrade (2013, p.243):

Estudar o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira é uma questão amparada pela lei 10.639/03, porém jamais pode ser vista como mera obrigação ou carga de conteúdo. A influência que este assunto e lei causam em sala de aula é ponto chave para estimular docentes e discentes na discussão do assunto, pois gera no professor a segurança para discutir o problema, já que há uma lei que o auxilia neste processo.

No ano de 2008 a Lei 10.639/03 passou por uma alteração e foi inserido a Lei 11.645/08 que inclui o ensino da cultura indígena se tornando obrigatória junto com a história africana e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas. Apesar da importância da cultura indígena na formação do ser brasileiro, ela não será abordada neste trabalho. No último Censo a população negra em Florianópolis chega a 12% da população nota-se que a presença e ou autodeclarados negros ou pardos é menor. A colonização do estado de Santa Catarina mostra a diversidade étnica, inclui o indígena que reúne grupos Xokleng, Guarani e Kaingang, o negro africano, povos europeus (portugueses, açorianos, alemães italianos) árabes e orientais (BRITO, 2013) Assim essas ações afirmativas reconhecem que a escola é um lugar para formação de cidadãos e afirma a relevância da escola promover a necessária valorização das matrizes culturais.

Ensinar a cultura africana afro-brasileira objetiva um maior reconhecimento e, por conseguinte a valorização da identidade, e a história. Também, buscam a igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias, asiáticas (BRASIL, 2004).

Apesar disso, trabalhar os conteúdos da história e cultura africana e afro-brasileira se trata de um caminho arduo, mas não impossível. É importante lembrar que a história do negro no Brasil não se resume à escravidão, limitar a identidade do negro africano e afro-brasileiro apenas a este acontecimento significa ignorar toda sua história e sua matriz cultural, que contribuiu para a formação da cultura do nosso país e do ser brasileiro.

Embora a Lei tenha selecionado áreas específicas em especial de educação artística, literatura e história, a sua importância nos demais propostas também serve para coadjuvar conteúdos mais plurais, sendo a Educação Física que tem suas características específicas, um grande potencial para oportunizar vivências destes conhecimentos.

A educação física, por tematizar a cultura corporal de movimentos, abre espaço para que se pense em elementos dessa cultura, originários da África e sua diáspora, que possam ser problematizados em suas

aulas, como forma de atender aos anseios da Lei nº 10.639/03' (PEREIRA et al.,2018, p.413).

Este estudo teve como objetivo a utilização de jogos de origem africana e afro-brasileira em aulas de Educação Física como um instrumento facilitador na educação das relações étnico-raciais no cotidiano escolar.

1.1 OBJETIVOS

Nas seções abaixo estão descritos o objetivo geral e os objetivos específicos deste estudo.

1.1.1 Objetivo Geral

Propor e implementar uma Unidade de Ensino (UE) contemplando o ensino de jogos e brincadeiras Africanas e Afro-Brasileiras, como um instrumento facilitador na educação das relações étnico-raciais no cotidiano escolar, como conteúdo da disciplina de Educação Física para uma turma de terceiro ano do ensino fundamental de uma escola pública de Florianópolis.

1.1.2 Objetivos Específicos

1.1.2.1 Contextualizar o ambiente escolar cujo local serviu de campo de aplicação de proposta de ensino para as aulas de Educação Física, para uma turma do terceiro ano de ensino fundamental de uma escola pública de Florianópolis.

1.1.2.2 Elaborar uma proposta de Ensino para as aulas de Educação Física utilizando jogos e brincadeiras da cultura Africana e Afro-brasileira para uma turma do terceiro ano de ensino fundamental de uma escola pública de Florianópolis.

1.1.2.3 Implementar uma proposta de Ensino nas aulas de Educação Física utilizando jogos e brincadeiras da cultura Africana e Afro-brasileira, para o terceiro ano de ensino fundamental de uma escola pública de Florianópolis.

1.1.2.4 Verificar a contribuição e a aceitação dos jogos e brincadeiras da cultura africana e afro-brasileira, e a imagem da África, por parte dos alunos do terceiro ano de ensino fundamental de uma escola pública de Florianópolis.

1.2. JUSTIFICATIVA

O primeiro contato com conteúdos mais aprofundados relacionado às questões de origem Africanas no Brasil foi no espaço acadêmico, em específico, na terceira fase do curso de Educação Física, enquanto acadêmica, teve-se a oportunidade de ser bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) onde teve-se a oportunidade através da literatura o conhecimento de jogos e brincadeiras relacionadas às populações de origem africana no Brasil e em Santa Catarina.

Através da literatura pode-se entender melhor o processo histórico de racismo e como o preconceito age na escola através de materiais didáticos, carregados de informações negativas sobre o continente africano, deixando de lado toda a contribuição da matriz africana na formação do ser brasileiro através da negação da história antes da escravidão.

Esta visão distorcida da realidade vem sendo o principal motivo pelo qual a estigmatização do racismo afeta cotidianamente a autoestima do negro no Brasil que passa a se achar muitas vezes inferior, justamente por não conhecer sua própria história.

Durante o período de graduação em Educação Física aconteceu em muitos momentos questionamentos e reflexões sobre como o racismo estrutural que afeta a vida de crianças e adultas, foram diferentes histórias de racismo cometido por colegas e até mesmo por professores, embora muitas vezes de forma velada. Se no âmbito da universidade, local de formação e acesso ao conhecimento, continua presente este problema, pode-se questionar o que acontece em escolas públicas de ensino fundamental em seus diferentes níveis.

Pensando que a escola pública é historicamente reconhecida como aquela que atende os/as estudantes das classes populares, sujeitos diversos, negros, pardos brancos e indígenas nas suas identidades de gênero, etnias, religião, cultura, necessidades especiais e diferentes tipos de organizações familiares. Surge a necessidade de respeitar esta diversidade cultural e a pluralidade e ser algo efetivo na escola, a fim de combater questões de racismo no cotidiano escolar.

Deste modo a lei 10.639/03 promulgada no ano de 2003, estabelece o ensino da cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas públicas e privadas do Brasil, tornando assim um currículo mais homogêneo, deixando de lado a valorização apenas das culturas europeias.

Ao cursar a disciplina de Estágio Obrigatório do Curso de Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), surgiu o interesse em trabalhar com os alunos do Ensino Fundamental a temática da cultura Africana e Afro-brasileira com uma turma do terceiro ano.

A importância de conhecer e reconhecer a cultura africana na formação da cultura brasileira e principalmente fomentar o empoderamento e a noção de pertencimento desses estudantes reforçam a contribuição deste estudo.

Portanto este estudo pretende não apenas estar em conformidade com aspectos legais, mas também evidenciar a possibilidade de ensino de novos conteúdos a ser aplicada no ambiente escolar em especial nas aulas de Educação Física.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura consta de três itens: identidade negra; Leis referentes à obrigatoriedade do ensino da cultura africana e afro-brasileira na escola, e eu jogo, eu brinco com a Cultura Africana e Afro-Brasileira.

3.1 IDENTIDADE NEGRA

Ao refletir sobre a identidade negra, precisa-se antes de qualquer coisa entender o conceito de identidade propriamente dita. Segundo Canem (2003) para conceituar identidade é necessário considerar três premissas sobre a construção da identidade. Entendendo se como uma construção continuada, sempre temporária, construída e reconstruída nas relações sociais. Pode ser algo definido biologicamente, independente dos significados construídos ao longo da sua trajetória de vida. A identidade como um processo que envolve marcadores como gênero, religião, etnia, história de vida e classes sociais e por último quando acontece a síntese desses marcadores. Não se pode esquecer que se trata uma estratégia sempre transitória:

Cultura africana posta de lado como simples folclore se torna em instrumento mortal no esquema de imobilização e fossilização dos seus elementos vitais. Uma sutil forma de etnocídio. Todo fenômeno se desenrola envolto numa aura de subterfúgios, e manipulações, que visam mascara e diluir sua intenção básica, tornando-o ostensivamente superfície (FERNADES, 1978 p.116).

Segundo Munanga (2006) a partir da construção de identidade, características distintas como idade, sexo, etnia se tornaram uma forma de classificar o homem. Poderia igualmente servir de motivo para discriminar indivíduos que não faziam parte de um determinado grupo.

Percebe-se que o negro sempre foi historicamente sinônimo de escravo, considerado submisso ou simplesmente invisível Não sendo diferente nos dias de hoje. As marcas do grande período de escravização de pessoas negras, deixam marcas até hoje. (MARANHÃO, 2009).

No Brasil colônia a chegada de negros escravizados nos portos da Bahia e Recife chegaram a números exorbitantes, as viagens longas do continente africano até América fazia com que muitos negros viessem a óbito devido a péssimas condições, e maus tratos que sofriam nessas embarcações. Por fim o Brasil se torna os últimos pais a acabar com

escravidão. Muitas vezes, percebe-se que lugares e espaços destinados aos negros sempre são de submissão ao homem branco. Segundo Maranhão (2009), onde os espaços destinados à figura do negro/a são representações de subserviência. Novelas, propagandas comerciais, folders promocionais, revistas e outros meios de comunicação reforçam tais estereótipos, e dificultando a ressignificação ou o resgate de uma identidade negra positiva. E nessa relação de objetivação no que diz respeito aos negros brasileiros, onde o corpo foi e é negado, marginalizado, subalternizado, fica difícil sua significação positiva.

Considerando que através do ensino as crianças tiveram outra compreensão de África e conseqüentemente outra compreensão de negro e cultura negra, esta mudança de percepção reflete na formação da identidade das pessoas envolvidas e assim contribuir sobre um novo olhar. Não trazendo a África como um lugar intocável, mas com seus problemas políticos e econômicos, aponta que estamos indicando para transformação. (MARANHÃO, 2009).

A implantação da lei 10.639/03 tem muito a contribuir para a educação das relações étnicas raciais, uma vez que a escola tem dever fundamental para combater a discriminação, bem como emancipação de grupos discriminados (BRASIL, 2004). Embora o preconceito não tenha origem no ambiente escolar, o racismo e demais formas de discriminação perpassam esse ambiente. Baseado nisso, justifica-se a abordagem destes conteúdos na escola para desfazer antigas impressões, ressaltar, auxiliar na formação de uma identidade positiva por parte das crianças negras e da quebra de preconceitos inerentes.

3.2 LEIS REFERENTES À OBRIGATORIEDADE DO ENSINO DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NO NÍVEL ESCOLAR

Historicamente o direito à educação foi negado por muito tempo para a população negra no Brasil, com o fim da escravidão os negros continuaram sem direitos de frequentar qualquer instituição de ensino. É importante lembrar que na época da escravidão os negros eram desprovidos dos direitos sociais e políticos, sendo incluso neste “pacote” a negação ao ensino para os escravos e depois aos libertos também. De acordo com Marcon e Sogbossi (2007, p.25) ‘em Janeiro de 1837, o presidente da Província do Rio de Janeiro, Paulo José de Sousa, sancionou uma lei proibindo “os escravos, e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos, de frequentar as escolas públicas de “instrução primária”’.

Um aspecto inicial para pensarmos como e por que os negros lideram as estatísticas de analfabetismo, evasão escolar e repetência, também levam desvantagem quanto ao acesso e

conclusão do ensino fundamental. Ao expor essa situação pode-se pensar na importância da luta pela igualdade e pela educação através de Leis instituídas pelo Estado brasileiro. Podemos combater essas desigualdades, entender a história e analisar o panorama do ensino da história e cultura afro-brasileira através da institucionalização de práticas pedagógicas que venham a contribuir para a inserção de uma formação mais plural e interdisciplinar quando se diz respeito ao ensino da história e cultura afro-brasileira nas aulas de Educação Física neste trabalho em específico.

Segundo a Lei 10.639, de janeiro de 2003 passa a tornar obrigatório o ensino da “História e Cultura Africana e Afro-Brasileira” nas diretrizes e bases da educação nacional, nos estabelecimentos do ensino fundamental e médio sendo eles, público ou privado. O artigo 26-A, da referida lei, determinam:

Incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil.
Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira. (BRASIL, 2003)

Segundo Macamo; Pinto (2017, p.362), falando sobre as Leis em questão 10.639/03 “pretende ressaltar positivamente a participação da população negra na construção da história do Brasil, quebrando a lógica eurocêntrica na produção e difusão do conhecimento”.

No entanto em 2008 promulga-se a Lei 11.645/08 e altera-se o artigo 26/A, passando a vigorar a seguinte redação:

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.
Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e histórias brasileiras (BRASIL, 2003).

A partir da publicação passa a entrar em vigor a Lei 11.645/08 com novas conotações e além da História da Cultura Africana e Afro-brasileira acrescenta-se a o reconhecimento e importância do ensino da Cultura Indígena. Em síntese, quando declara que o Brasil sendo uma sociedade plural, que viveu por muito tempo a escora da escravidão e, conseqüentemente as desigualdades socioeconômicas, violência, simbólica esta que sempre estiveram presente na vida dos negros no Brasil; principalmente na massa indígena e negra que constituíram a parcela escravizada; Por fim, é papel de a escola preparar os alunos, para respeitar as diferenças, lutar e defender por melhores condições na sociedade. Todavia nota-se que nas instituições de ensino as crianças continuam sendo desrespeitadas com ideias desagradáveis a respeito das suas identidades (MACAMO; PINTO, 2016).

Evidenciando mais essa situação Senhorinha (Apud Macamo; Azevedo, 2013, p.25) evidência que:

[...] o desconhecimento sobre a história e as culturas das populações de origem africana e indígena, construindo, assim, um sistema educacional cada vez menos democrático, já que, historicamente, nossos alunos/as negros/as vêm passando por um processo que podemos chamar de apagamento histórico, em que sua história foi sendo apagada, deturpada e negada aos poucos.

Ao expor toda situação desfavorável, as leis em questão buscam ressaltar uma África positiva para os negros e assim a edificação de si mesmo. Com essas medidas o Estado Brasileiro admite a importância de tratar essas temáticas reconhecendo a importância da questão ao combate do preconceito, ao racismo e a discriminação deixando claro o compromisso de combater a redução da desigualdade no Brasil. A necessidade de tratar a diversidade étnico-racial para que as relações sociais sejam mais democráticas e plurais nas instituições educacionais e também na sociedade brasileira. (MACAMO; PINTO, 2016).

Por fim, a literatura tem apontado que o ensino da cultura Africana e Afro-brasileira por muito tempo tem se resumido a história dos negros Africanos e Afro-brasileiros meramente ao episódio da escravidão, o que tem contribuído até mesmo para uma marginalização e inferioridade dos brasileiros afrodescendentes. No entanto, com estudos mais aprofundados, sabe-se atualmente que os Africanos e Afro-brasileiros contribuíram e têm contribuído de maneira substancial para diferentes setores da sociedade, como economia, educação, alimentação, religião, etc (MACAMO; AZEVEDO, 2013). O desconhecimento dessas informações contribui para a propagação de uma visão deturpada da África, e conseqüentemente, a possibilidade de baixa estima dos estudantes.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, são previstos para a disciplina Educação física no terceiro período do ensino fundamental unidades temáticas com conteúdos de jogos e brincadeiras de matriz indígena e africanas, (BRASIL, 2016, p. 226):

Experimental e fruir brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matriz indígena e africana, e recriá-los, valorizando a importância desse patrimônio histórico-cultural. (EF35EF01).

Planejar e utilizar estratégias para possibilitar a participação segura de todos os alunos em brincadeiras e jogos populares do Brasil e de matriz indígena e africana. (EF35EF02).

Descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita, audiovisual), as brincadeiras e os jogos populares do Brasil e de matriz indígena e africana, explicando suas características e a importância desse patrimônio histórico-cultural na preservação das diferentes culturas. (EF35EF03)

Recriar, individual e coletivamente, e experimentar, na escola e fora dela, e jogos populares do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matriz indígena e africana, e demais práticas corporais tematizadas na escola, adequando-as aos espaços públicos disponíveis. (EF35EF04)

A LDB sugere que nas aulas de Educação Física pode revelar-se uma excelente oportunidade de relacionamento, convívio e respeito entre as diferenças. Neste contexto que a utilização dos jogos e brincadeiras para a valorização da identidade e reconhecimento, para que os elementos da cultura afro-brasileira sejam lembrados e valorizados, pois são nas aulas de educação física que os alunos têm contatos com diferentes culturas (BRASIL,2003)

3.3 JOGOS E BRINCADEIRAS COM A CULTURA AFRO-BRASILEIRA.

Brincadeiras e jogos são atividade voluntárias exercidas dentro de determinados limites de tempo e espaço, caracterizadas pela criação e alteração de regras, pela obediência de cada participante ao que foi combinado coletivamente, bem como pela apreciação do ato de brincar em si. Essas práticas não possuem um conjunto estável de regras e, portanto, ainda que possam ser reconhecidos jogos similares em diferentes épocas e partes do mundo, esses são recriados, constantemente, pelos diversos grupos culturais. Mesmo assim, é possível reconhecer que um conjunto grande dessas brincadeiras e jogos é difundido por meio de redes de sociabilidade informais, o que permite denominá-los populares (MARANHÃO, 2009).

Ao longo da humanidade o ser humano passou a explorar diversos espaços produzindo seus materiais de caça, seus rituais e costumes, no sentido em que tudo o que faz está inserido num contexto cultural, que, no entanto essas culturas proporcionam até hoje aos indivíduos novas experiências, vivências e formas de explorar, construídos ao longo do processo histórico e social (LIMA, 2016 ; REIS, PEREIRA, 2011).

É muito amplo o conceito de cultura:

O ser humano, desde suas origens, produziu cultura. Sua história é uma história de cultura, na medida em que tudo o que faz está inserido num contexto cultural, produzindo e reproduzindo cultura. O conceito de cultura é aqui entendido como produto da sociedade, da coletividade à qual os indivíduos pertencem, antecedendo-os e transcendendo-os (BRASIL, 1997, p. 24)

De acordo com Santos (2007) a cultura é uma forma de entender os caminhos em que os diversos grupos de humanos as suas relações no presente e suas expectativas para o futuro. Deste modo pensar como a cultura Africana deixou uma herança cultural que muito contribuiu para uma cultura popular brasileira ainda se torna um desafio perante alguns estudos.

Na educação física são trabalhados conteúdos estruturantes, tais como jogos e brincadeiras, esporte, dança, ginástica e lutas, e que por meio desses conteúdos, é que se estabelecem regras, respeito, companheirismo, coletividade, ética, e formação de um cidadão crítico e reflexivo (REIS; PERREIRA, 2011).

Segundo Zuin; Sant'Ana; Silva (2015) Os jogos, se bem aplicados e com objetivos bem definidos, podem ser instrumentos muito úteis, durante as aulas, favorecendo o ensino e a aprendizagem de vários conteúdos de forma diferenciada e significativa. Os jogos do grupo mancala trazem um diferencial pela possibilidade de também ser trabalhada a história e a cultura africana nas aulas de Matemática, bem como desenvolver um projeto integrado, entre várias disciplinas.

Segundo Santos (2007, p.36):

A escola em geral, ainda vê e mostra o negro como povo secundário, que ganha visibilidade apenas no período da escravidão, reforçando a imagem de trabalhador braçal de intelecto reduzido [...] a escola, enquanto instituição social responsável por uma parcela importante da educação dos cidadãos deve ser posicionar politicamente contra qualquer tipo de discriminação. O reconhecimento e a valorização da cultura negra são elementos importantes nas relações sociais na escola, no sentido de permitir que a comunidade escolar possa

perceber a importância das relações étnico-raciais na formação e na riqueza da nossa sociedade.

Estudos de Maranhã (2009) afirmam que a educação das relações étnico-raciais ainda vem se efetivando de forma parcial na escola. Quando incluído conteúdos que favoreçam vivências de jogos de origem e descendência africana ocorreu melhora significativa na autoestima das crianças negras uma vez que se viram representadas positivamente no programa escolar. As crianças negras e não negras perceberam ressignificação e valorização da história e cultura do povo negro, particularmente através dos jogos, favorecendo a educação das relações étnico-raciais.

Pode-se perceber uma lacuna no ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica quanto ao cumprimento desta Lei dentro das instituições educacionais, particularmente no componente curricular Educação Física. No entanto através de uma intervenção em ambiente escolar, é possível vivenciar, de forma reflexiva, a história de diferentes culturas, inclusive a africana, e que as vivências, os diálogos e as reflexões são de extrema importância para afirmação, compreensão e respeito de diferentes culturas e identidades (PEREIRA; GONÇALVES JUNIOR; SILVA, 2009).

Foi proposto nos estudos de Macamo; Azevedo (2013) uma intervenção em três categorias: a) danças de Moçambique e Angola, marrabenta e Kuduro; b) o navio negreiro e as condições desumanas de transporte dos escravos; c) resistência escrava no Brasil, incluindo a situação atual do negro. Os resultados apontaram um grande interesse e participação nas atividades desenvolvidas e uma melhor compreensão do corpo como sendo uma construção histórico/social.

Estudos recentes em escolas públicas investiga o funcionamento da lei que estabelece novas diretrizes para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira (EHCAA) na rede pública de ensino. O estudo conclui que a forma de ver o mundo social e de se posicionar frente às relações raciais é fundamental para definir a importância que os envolvidos no processo dão a Lei e diretamente as questões curriculares (GATINHO, 2018).

Em Santa Catarina diversos trabalhos têm sido desenvolvidos nas escolas com conteúdos do ensino da Cultura africana e Afro-brasileira nas aulas de Educação Física.

No Município São José estudo feito por Fernandez (2013) pesquisou escolas da rede pública com o objetivo de coletar informações a respeito da efetivação da Lei 10.639/03 e verificou que embora exista um setor na secretaria municipal da educação do Município

voltado especificamente para a educação das relações étnico-raciais para capacitar docentes para trabalhar neste novo contexto legal.

Estudos e reportagens tem noticiado a diminuição em Santa Catarina de ações de ensino no combate à discriminação.

Ações isoladas acontecem recentemente em algumas escolas, principalmente na Grande Florianópolis. Dados publicados em 2019 indicam que em Ingleses, alunos da 5º período do Ensino Fundamental aprenderam nos últimos meses sobre África e países Africanos nas disciplinas de História e Geografia. Foram mostrados mapas, feito pesquisas relacionadas a historia da África, confeccionados vasos africanos e debates sobre o assunto. (PARAIZO, 2019). “por mais que exista um discurso de combate à discriminação, na prática as ações não acontecem tão efetivamente” (p.12).

Segundo Gomes (2012) embora a Lei determine seu cumprimento sua efetivação vai depender da formação inicial e continuada de professores considerando a perspectiva da diversidade étnico-racial elemento principal para que haja mudanças na prática e na postura racista.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo corresponde à organização e implementação de uma proposta de ensino realizado no período vinculado ao Estágio Obrigatório I do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC.

Quanto a sua natureza, esta pesquisa pode ser classificada como aplicada, pois tem o objetivo de gerar conhecimentos para aplicação prática dirigida à solução de problemas específicos. Aos objetivos, enquadram-se também como descritiva e exploratória por verificar a influência da intervenção na percepção de África dos alunos e tendo assim a finalidade principal de proporcionar mais informações sobre o assunto que se quer investigar (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Quanto à abordagem do problema esta pesquisa pode ser caracterizada como qualitativa, pois considera que há um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números, dispensando uso de métodos e técnicas estatísticas (PRODANOV; FREITAS, 2013).

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA E PERÍODO DE REALIZAÇÃO

Participaram da pesquisa 23 escolares do terceiro período do Ensino Fundamental de uma escola Municipal de Florianópolis de ambos os gêneros e varias etnias

Após um mês de observação e foi aplicado sete semanas de intervenção.

Foram realizados dois encontros semanais, totalizando três aulas por semana, destas, uma aula compreendia aula-faixa (duas aulas seguidas, 01h30min de duração) e outra com duração de 45 min. No total, foram realizados 21 encontros, com aulas desenvolvidas no período vespertino.

3.3 ETAPAS DA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa foi constituída por três etapas essenciais: a) a primeira envolveu uma revisão bibliográfica sobre o tema e a escolha do conteúdo de ensino sobre a cultura e jogos de origem Africana e Afro-brasileira utilizada na organização da Proposta de Ensino; b) a segunda etapa envolve uma intervenção no ensino da Educação Física através de jogos e brincadeiras da cultura Africana e Afro-brasileira desenvolvidas nas aulas de Educação Física; c) verificar a aceitação do conteúdo proposto e mudanças de comportamento envolvendo a temática da cultura Africana e Afro-brasileira.

3.4 INSTRUMENTOS PARA COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Para a coleta de dados utilizou-se: a) o documento da Unidade de Ensino Projeto Político Pedagógico (PPP), para contextualizar o ambiente escolar foi utilizado; b) no início da intervenção foi aplicado um questionário simplificado (Apêndice 1) com duas perguntas e ao final com quatro perguntas (Apêndice 2) de conhecimentos gerais sobre a África e o mancala; c) registro das aulas através de anotações diárias, com as atividades desenvolvidas em cada unidade com relato da participação da turma; d) observação da aceitação e/ou rejeição das atividades propostas através de observações, foram sistematicamente registradas pelo pesquisador a cada encontro; d) registro dos diálogos dos escolares após assistirem ao filme proposto, em grande grupo.

Os dados foram agrupados e analisados em categorias dominantes não pré-estabelecidas, que ocorreram durante a coleta, considerando os diálogos no processo ensino-aprendizagem, a afirmação da identidade e conhecimento sobre a África e a cultura Afro-brasileira. Segundo Minayo (2002, p.70): “as categorias são empregadas para se estabelecer classificações (...), agrupar elementos, ideias ou expressões (...) e podem ser usadas em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa”.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

A referida escola é parceira da UFSC, vinculada a Disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física I e por este motivo não houve necessidade de solicitar a autorização específica para realização do estudo.

Por questões éticas, não será divulgado o nome da escola onde o estudo foi realizado. Resultados individuais não serão divulgados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo foram organizados em três partes: a) levantamento do ambiente escolar; b) apresentação dos tópicos ou Unidade de Ensino de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras, para serem utilizados na intervenção em aulas de Educação Física; c) implementação da proposta de Unidade de Ensino; d) respostas dos alunos em relação ao conteúdo proposto levantado em categorias, conforme o cotidiano das aulas de Educação Física.

4.1 LEVANTAMENTO DO AMBIENTE ESCOLAR

Os dados do levantamento escolar foram retirados do Projeto Político Pedagógico (Florianópolis, 2016 a)

A Escola do estudo fica localizada no bairro da Trindade na cidade de Florianópolis. A unidade atende por volta de 230 alunos, 1º aos 5º distribuídos em 5 salas que funcionam do matutino ao vespertino.

A Unidade Escolar atende crianças moradoras da comunidade, filhas de trabalhadores, na sua maioria braçal, e com baixa escolarização. A renda per capita varia razoavelmente, dependendo do tempo de moradia na comunidade e da profissão. Grande parte das mães trabalha como auxiliar de serviços gerais, diarista ou empregada doméstica. Já os pais, em sua maioria, trabalham como autônomos na construção civil. Poucas famílias são naturais dessa região, geralmente sua origem é na região Nordeste ou no planalto do estado de Santa Catarina. A implantação da escola na comunidade foi uma luta dos moradores em 1988.

A Estrutura na unidade contempla biblioteca, cozinha, e banheiros (feminino e masculino), cinco salas de aula, sala dos professores, quadra desportiva, um pátio e sala multimeios. O corpo docente conta com nove professores efetivos e 12 com caráter temporário. Sendo professores regentes, professores da sala multimeios, de libras, professores auxiliares de ensino, professores auxiliar de ensino de tecnologia e professor auxiliar de ensino de educação especial, coordenadora pedagógica e diretora. Grande parte dos professores tem nível superior, a maioria com especialização em sua área e ainda alguns com mestrado na área da Educação.

O Projeto Político Pedagógico da unidade trata a escola como um espaço de socialização e de aprendizagens é através dela que saberes culturais e históricos são construídos. Assim, a escola é considerada um espaço de ampliação da experiência humana. Sua função é pensar na formação de sujeitos históricos, críticos, culturais além de desconstruir qualquer forma de preconceito e desigualdade social visando qualidade da educação para todos. Acreditando que a escola é um segmento da sociedade, esta deve desempenhar um papel fundamental na aprendizagem, pois assim o aluno será capaz de dar significado aos conteúdos.

Desta forma, com base nas concepções de Vygotsky, Piaget e Paulo Freire, a escola busca romper com o ensino tradicional que apresenta como foco a repetição e memorização

dos conteúdos. Buscando, portanto que o professor não o considere como um mero transmissor de informações, mas sim um mediador, um interlocutor, que propõe aos alunos situações que desafiam e estimulam o pensar e a criatividade. Além de entender as necessidades de aprendizagem de cada aluno e oferecer recursos adequados a todos e a cada um, compreendendo que a aprendizagem é um processo mental de assimilação, que ocorre nas relações de interação e uma troca de conhecimento com outras pessoas.

4.2 DESCRIÇÕES DA UNIDADE DE ENSINO

A Proposta de ensino foi efetuada por três passos: a) aproximação e identificação sobre o continente africano através das perguntas o que é África? E o autorretrato (início e no final da intervenção; b) parte principal utilização de jogos (formadas por cinco jogos apresentados na literatura) e brincadeiras africanas e afro-brasileiro sendo o Mancala feita com variações, no quadro, gigante e jogo online, e na parte final um filme de uma lenda africana.

4.2.1 O que é África? (MARANHÃO, 2009)

Na Descrição da atividade foi proposto responder duas questões descritas no quadro. O que é África para você? Qual a sua descendência?

Foi fornecida aos alunos uma folha A4 para que elas pudessem expressar suas opiniões referentes às duas perguntas do quadro. Terminando de responder foi iniciado uma conversa perguntado o que eles conheciam sobre a África.

O objetivo da proposta foi a de ter uma visão ampliada do conhecimento sobre o continente africano, no segundo momento e se eles sabiam suas respectivas origens. E se algum se reconheceria como descendência africana. Os resultados se encontram no (Quadro 1) onde são apresentados as respostas dos alunos em relação O que é África e Qual sua descendência.

A grande maioria dos alunos citou a cidade de origem, assim sem perceber classificadas como brasileiros e não sobre sua descendência, então houve uma adaptação para a pergunta: qual sua origem relacionada aos pais e avós e bisavós? Apenas dois alunos responderam ser de origem Alemão e outro Indígena. Porém a grande maioria dos alunos eram pardos ou negros. Por que será que nunca imaginaram ter um ancestral africano na

família? E quando questionado sobre raça/cor a maioria se identificou como branco. Isso constata que os alunos não tem nenhuma informação relacionada sobre a sua origem Africana. Este estudo esta de acordo com respostas encontradas no trabalho de Abramovay; Costa (2006) cuja questão racial é pouco tematizada no ambiente escolar e quando ocorre, ela não aparece como prioritária deixando cada vez mais amplo a questão do racismo e discriminação racial em relação aos alunos negros. A negação do racismo é algo muito latente no Brasil e isso se reflete dentro da escola, o debate é algo importante para combater discriminação que reflete na autoestima das crianças negras e não negras, se identificar como brasileiras, pertencentes de um país miscigenado.

Já a categoria predominante na questão sobre a O que é África, foi o ‘desconhecimento’, a segunda foi “é legal” e a terceira categoria ‘é um continente’, conforme a Figura 1.



Figura 1: Alunos do 3º ano do ensino fundamental, respondendo o questionário em sala de aula.

O desconhecimento sobre o conteúdo africano e os pensamentos racistas e discriminatórios é oriundo de omissão seculares da história, que, ainda mexe no imaginário coletivo da sociedade brasileira (Maranhão, 2009).

Quadro 1 - Apresentação das respostas dos alunos do terceiro ano do ensino fundamental em relação ‘O que é África’ e qual sua descendência.

Alunos	Qual sua descendência?	O que é África para você?
Maria	Florianópolis	É um continente
Eduardo	Florianópolis	É um continente
Maria Clara	Indígena e Alemã	É um continente
Ana Paula	Lages	É um lugar muito legal
Isabela	Lages	Legal
Fernanda	Lages	É legal
Vinícios	Foz do Iguaçu/Maringá	É legal
Alessandra	Não sei	Muito legal
Felipe	Lages/Bahia/Maringá/Penedo	Legal
Davi	Piauí	É triste tem pessoas que passam fome
Enzo	Não sei	É pobre
Olga	Paraná	Pessoas negrinhas/falam língua africana parecido com inglês
Bianca	Penedo/Sertão/ Pescocinho	Areia/mato/água/
Vitor	Paraná	Sem água
Pedro	Não sei	Não sei
Vitoria	Não sei	Não sei
Henrique	Rio de Janeiro	Não sei
Aline	Não sei	Nada porque não conheço
Luisa	Bahia/índio	X
Lara	Lages/Paraense	X
Gilberto	Em branco	X
Ana	Em branco	X
Guilherme	Em branco	X

4.2.2 Autorretrato (MARANHÃO, 2009)

A descrição da atividade constituiu-se em distribuir uma folha de papel A4 e lápis de cores variadas, para que as crianças pudessem realizassem um desenho (autorretrato) de forma livre.

O objetivo foi possibilitar através do desenho do autorretrato, identificar como os alunos se veem através da pintura de sua imagem, para isso foi proposto um desenhos de autorretrato no inicio e no final da intervenção.

A observação dos desenhos, feitas no inicio da intervenção identificou que alguns alunos se pintaram de cores distintas dos seus tons de pele. A procura por cores ditas como cor da pele foi maior, cores como, bege, rosa claro em relação a cores mais escuras. Ouve uma inversão por parte de alguns alunos negros que se edificaram como loiros de olhos claros. Esses resultados estão de acordo com os estudos de (PRISTA; et al 1992,) a negação da autoimagem é o reflexo de uma baixa autoestima que perpassa pela negação da identidade do negro no Brasil.

Para Maranhão (2007, p.66) “Cotidianamente, diversos espaços sociais, sobretudo a escola, impõem “modelos”, “padrões” de comportamentos, de belezas aceitáveis ou refutáveis sobre as pessoas, com isso, as crianças e adultos também ficam vulneráveis a essa imposição”

No final da intervenção foi solicitado que refizessem um outro autorretrato e foi identificado mudança de comportamento em relação aos desenhos anterior tanto para as crianças negras e para e não negras (figura 3).

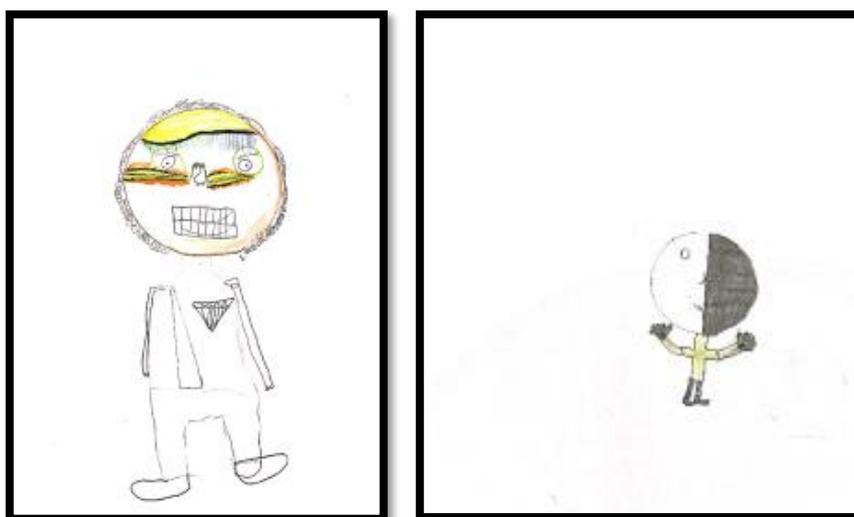


Figura 2. Autorretrato de um aluno do 3º Ano do Ensino Fundamental, no inicio e no final da intervenção.



Figura 3. Autorretrato de uma aluna do 3º ano do ensino fundamental, no início da intervenção.

4.2.3 Escravos de Jó (BARBOSA, et al, 2014)

A atividade propôs reunir a turma e contar-lhes a origem da brincadeira escravos de Jó: Jó é um personagem bíblico do antigo testamento que possuía uma grande paciência. Dai a expressão "Paciência de Jó". Segundo a Bíblia, Deus apostou com o Diabo que Jó, mesmo perdendo as coisas mais preciosas que possuía (filhos e fortuna) não perderia a fé. Nada indica que Jó tinha escravos. Acredita-se que a cultura negra tenha se apropriado da figura para simbolizar o homem rico da cantiga de roda. Os guerreiros que faziam o zigue zigue zá, seriam os escravos fugitivos que corriam em ziguezague para despistar o capitão-do-mato. Os jogadores vão passando as bolinhas um para o outro do lado direito, de forma que cada jogador fique sempre com uma bolinha ao ritmo da música.

O objetivo do jogo foi proporcionar as crianças a vivência de uma brincadeira da cultura africana. Ao questionar sobre o conhecimento da brincadeira escravo de Jó, a maioria respondeu nunca ter brincado, mas falaram que tinham ouvido falar. Uma das crianças comentou que acreditava que esta brincadeira poderia ter vindo com os escravos. Neste momento a turma começou a refletir o comentário do colega. Ao final da atividade todas as crianças se mostraram interessadas com a brincadeira. De acordo com Pereira; Junior; Silva (2009) a influência dos negros foi de intensa formação da cultura brasileira, por exemplo, com

algumas canções conhecidas até os dias atuais, em Gana, país da África, as crianças têm uma canção muito parecida com esta.

4.2.4 **Terra e Mar** (FLORIANOPOLIS, 2016,b)

Para o desenvolvimento do jogo é necessário fazer traçado no chão dividido em duas áreas, de um lado se escreve Terra e do outro Mar. No início todas as crianças podem ficar no lado da terra. Ao ouvirem a palavra: Mar, todos devem pular para o lado no mar. Ao ouvirem terra! Pulam para o lado da terra. Quem não ficar atento ou se distrair pode errar os comandos e sair da jogada, sendo o último a não errar é o vencedor o jogador que permanecer sozinho na terra ou no mar.

O objetivo é contextualizar a vinda dos negros escravizados para o novo mundo, à distância entre Brasil e a África (Moçambique). Segundo FLORIANOPOLIS (2016 b) a necessidade de realizar um trabalho interdisciplinar salientando a importância de trabalhos que contemplem a geografia e a história do contexto de jogos e brinquedos como facilitadores das relações étnico-raciais.

4.2.5 **Pegue o Bastão** (CUNHA,FREITAS, 2010)

Para realização do jogo, foi distribuído um bastão para cada aluno, com os jogadores, em grande círculo o intuito é pegar o bastão mais próximo ao colega da sua direita antes do bastão cair. Estes devem manter seu bastão na vertical e a frente, com uma ponta tocando o chão. O dirigente grita a palavra trocar. Todos alunos devem deixar o bastão equilibrado e passa para a próxima a sua direita. O intuito é pegar o bastão sem deixar cair no chão. Se caso o mesmo cair está fora do jogo. O objetivo do jogo é estabelecer a cooperação passando corretamente. Segundo Cunha; Freitas (2010) a utilização de atividades lúdicas como meio de acesso a cultura dos países africanos, destacando jogos e brincadeiras que enfatizam as características valorativas, sociais e motoras da cultura corporal africana.

4.2.6 **Mancala** (FLORIANÓPOLIS, 2016 b)

O Mancala é um jogo da família de jogos africanos, ele possui diversas formas de jogar, neste estudo utilizou quatro variações: a) mancala no quadro; b) mancala tradicionalmente; c) mancala gigante, d) mancala *online*.

O tabuleiro do jogo contém seis covas de cada jogador é representado pelas seis casas a sua frente e o armazém, que é a casa maior à sua direita. Inicialmente distribuem-se as sementes em cada casa. Uma jogada consiste em pegar todas as sementes de qualquer casa de seu território, exceto no armazém, e colocá-las uma em cada casa, seguindo o sentido anti-horário (ou seja, em direção ao seu armazém), incluindo o seu armazém e as casas do adversário. O objetivo deste jogo foi propiciar as crianças o aprendizado de um jogo de cultura africana, que está relacionado a colheita e plantio, trazendo raciocínios de matemáticos para obter melhor resultado na jogada.

Construção do Tabuleiro do mancala (FLORIANOPOLIS, 2016 b)

Os tabuleiros foram construídos utilizando materiais reciclados e tintas coloridas,(fig.4).



Figura 4. Tabuleiros de mancala pintados pelos alunos no 3º ano do ensino fundamental.

O mancala gigante foi adaptado pela autora, e utilizou-se oito bambolês, distribuídos no chão da quadra. (Fig. 5)



Figura 5. Alunos do 3º ano do ensino fundamental jogando o mancala.

Treinando o jogo mancala *online*, faz parte do conjunto de jogos que está disponível em ambiente virtual: como sites e apps para smartphones e tablet, nesta unidade foi utilizado um site para treinar e vivenciar o jogo.

A atividade em dupla facilitou que os colegas pudessem tirar dúvidas um com o outro. Despertando a cooperação entre os alunos, havendo um desconhecimento geral do jogo online. Uma das crianças relatou ter gostado de conhecer o jogo online para poder treinar em casa. Alguns dos alunos não conseguiam avançar com as jogadas, então houve a necessidade de uma nova explicação, e os alunos que já dominavam o jogo, poderiam ajudar o colega.

Foi proposto primeiramente o jogo mancala no quadro, para facilitar o entendimento do jogo e explicação das regras. Após ter adotado esse método os alunos aprenderam a jogar.

Como o jogo era separado em duas equipes, a competição foi algo que aconteceu naturalmente entre os alunos. Houve agitação dos alunos e uma das crianças destacou que não estava conseguindo ir ao quadro e realizar as jogadas, então foi combinado que cada aluno da equipe ia ter a oportunidade de realizar a jogada.



Figura 6. Alunos 3º do ensino fundamental Jogando mancala no quadro.

4.2.7 Filme Kiriku e a feiticeira (FLORIANOPOLIS, 2016 b)

Através do filme Kiriku e a Feiticeira, objetivou-se estabelecer um contato com a cultura africana e sobre suas lendas, as manifestações de dança. Kiriku o personagem principal apesar de muito pequeno se importava com sua aldeia, o pequeno que reuniu forças para derrotar a vilã da história. O Ubuntu representa este sentimento de bondade e importância para com todos ao seu redor. Desafiado pela feiticeira Karabá, Kiriku passa ser conhecido por sua coragem e valentia. O roteiro é baseado em lenda africana e o filme animado foi lançado no Brasil em 1999.

O objetivo do filme foi vivenciar a cultura africana e suas tribos, seus costumes e modo de viver.

Ao final do filme foi realizada uma roda de conversa destacando os pontos principais do filme, um menino pequenino, natural da África, que apesar do tamanho é obrigado a enfrentar diferentes desafios. Aconteceram diversos comentários feito pelos alunos. Alguns destacaram que conheciam o filme, uma das alunas disse que o personagem principal era um menino muito esperto e corajoso. E outro observou o respeito do personagem com sua tribo.

De acordo com Brougère (1995) a impregnação cultural, ou seja, o mecanismo pelo qual a criança dispõe de elementos dessa cultura, passa, entre outras coisas, pela confrontação com imagens, com representações com formas diversas e variadas. Essas imagens traduzem a realidade que acerca ou propõe universos imaginários.

4.2.8 Apresentação do mapa da África

Após as primeiras aulas foi identificado que os alunos desconheciam o mapa do Continente Africano, e para aproxima-los do tema foi proposto o reconhecimento dos países aonde os jogos tiveram sua origem.

Nesta aula de apresentação do mapa alguns alunos começaram a perguntar em que lugar o jogador de futebol brasileiro Neymar estava jogando. Apesar de apenas dois alunos terem perguntado os demais alunos também ficaram curiosos. Então foi combinado que assim que a explicação dos países da África terminasse, seria apresentado o local onde o jogador estava atuando. A curiosidade dos alunos referente a esse assunto se da pela popularidade do futebol. Um deles disse: Professora a África é desse tamanho? O Egito fica na África? A explicação que continente é um conjunto de países foi necessário para que as crianças entende-se a pluralidade desse continente.

4.2.9 Avaliação final da Unidade de Ensino feita pelos alunos.

Para esta atividade foi elaborado um avaliação simples contendo história do mancala, trazendo uma reflexão sobre sua origem e significado. A atividade em questão foi organizada a fim de despertar o interesse pela leitura e também exercitar um pouco da interpretação de texto contendo questões relacionadas à unidade proposta.

Apesar da dificuldade do entendimento dos jogos do mancala os alunos conseguiram aprender razoavelmente e demonstraram muito interesse principalmente na confecção do tabuleiro, embora no momento da atividade questões como respeito tiveram que ser trabalhado com os alunos, devido à disputa de materiais que gerou a necessidade de trabalhar questões relacionada ao respeito entre os escolares.

Com relação os demais jogos pode-se verificar que houve uma boa aceitação, parceria, cooperação e uma melhora na atitude relacionada aos jogos de origem africana, embora nas primeiras atividades houve resistência e solicitação para jogar Futebol.

Em relação o mancala, o jogo mais utilizado na proposta, foi elaborado um texto (Anexo 1) como forma de interpretação. Considerando a dificuldade de entendimento na

leitura do texto, verificou-se que a grande maioria dos alunos acertaram as respostas, somente após mais explicação pelo fato de não terem entendido a proposta do texto.

Foi solicitado aos alunos que respondessem o que eles mais gostaram durante o programa da unidade de ensino. Entre as categorias apresentadas pelos alunos, apareceu a mancala como a preferida. Em segundo lugar destacou-se o filme KiruKu e a feiticeira, e em terceiro lugar os outros jogos e brincadeira.

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Com o objetivo de utilizar jogos de origem ou descendência africana nas aulas de Educação Física no ambiente escolar, como instrumento facilitador na educação das relações ético raciais, relatam-se as conclusões das unidades de ensino propostas neste estudo.

Em relação ao ambiente escolar da Unidade de Ensino, onde foi desenvolvido o estudo, verificou-se que a mesma possui uma boa estrutura física e de recurso humano, atende crianças com vulnerabilidade econômica, de diversas etnias, das séries iniciais até o 5º ano, e possui um projeto político pedagógico que visa promover o acesso e a apropriação do conhecimento, possibilitando a formação de um sujeito ético, reflexivo e crítico.

Foi escolhido através da literatura sete atividades. A que faz referência ao conhecimento do continente Africano e a sua descendência, demonstrou que pouco conteúdo é discutido nesta área e há um desconhecimento de sua própria origem.

Quando a proposta foi desenhar (autorretrato) houve mudança de entendimento entre o primeiro desenho, feito no início do programa, onde os alunos de cor negra pintavam-se de louro com olhos azuis, com exceção de uma aluna, no final do programa já possuíam outro entendimento e desenharam-se com cor de sua própria descendência.

Foi proposto jogos e brincadeiras de conhecimento popular, mas com objetivo de contribuir para o conhecimento das questões ético raciais através da prática social de jogos de origem ou descendência africana.

O jogo escravos de Jô, pegue-bastão, terra e mar e mancala em diversos contextos, inclusive *on line*. As atividades em sala de aula utilizando mapa da África e a projeção de um filme foram as atividades que mais contribuíram para gerar questões que foram discutidas oralmente ou através de opiniões escritas a respeito da aceitação e entendimento do que fora proposto.

Durante a proposta inicial dos jogos e brincadeiras houve resistência, mas no decorrer da proposta dos jogos, que foram seguidos de diálogos, demonstraram uma atitude positiva de cooperação entre os alunos.

Na atividade com a utilização do mapa deu a oportunidade de crianças negras e não negras e afrodescendentes conhecer e ter outra percepção de África e, conseqüentemente, outra percepção do povo africano e sua origem.

O jogo mancala por exigir maior concentração e tempo para o seu aprendizado, foi o que despertou mais atenção e teve as respostas mais interessantes como por exemplo despertar a importância do trabalho em grupo, gerando respeito aos colegas e às diferenças, reconhecer a força e inteligência dos africanos e seus descendentes, contribuindo, assim, para a educação das relações étnico-raciais.

Este estudo concluiu que por intermédio da prática social de jogos de origem ou descendência africana, deu-se a oportunidade de crianças negras e não negras de conhecer e ter outra percepção de África e, conseqüentemente, outra percepção do povo e cultura do negro como também melhor entendimento do si e do outro, objetivo deste estudo.

Ao término do trabalho, conforme observação e relatos por escrito ocorreu importantes mudanças na percepção de África e de seus descendentes; as crianças ficaram mais sensíveis às discriminações vividas na escola e na comunidade.

Embora não se possa afirmar que houve grandes mudanças com a aplicação dos conteúdos, mas com certeza contribuiu para iniciar alguma mudança.

Recomenda-se que sejam feitos trabalhos que possam verificar como as relações étnico-raciais formam as dinâmicas curriculares e pedagógicas nas escolas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M; CASTRO, M.G. (Org.). **Relações raciais na escola: Reproduzindo desigualdades em nome da igualdade**. Brasília: UNESCO, INEP. Observatório de Violências nas Escolas, 2006.
- BARBOSA.A.R; S; CÁTIA C.B.dos; SOUZA.S. R.S. de. Jogos e brincadeiras da cultura africana e afro-brasileira. **Material de apoio pedagógico e Material de apoio teórico**. Uruguaiana: RS-2014 p.1 -13
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e cultura Afro-Brasileira**. Brasília: MEC, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 2016**. Disponível em:< <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 04 de novembro de 2019.
- BRASIL. **Lei 10639 de 09 de janeiro de 2003**. Disponível em: planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm Acesso: 14 jun. 2019
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC / SEF, 1997.
- BRITO, R. M. et al. **Santa Catarina em Números: Santa Catarina**. Florianópolis: Gw Editoração Eletrônica, 2013. 150 p.
- BROUGÉRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.110p.
- CANEN, A. Refletindo sobre identidade negra e currículo nas escolas brasileiras: construções e multiculturalismo. **Série Estudos**, Campo Grande, MS, p.49-57, jan. 2003
- CUNHA, D. da C.; FREITAS, C.P. **Oficina: Jogos infantis Africanos e Afro-brasileiros**. II Semana da consciência Negra UFPA/CUNTINS 2010 p.1.
- FERNANDES, F. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de janeiro RJ: Paz e terra, 1978. p.183.
- FERNANDEZ A. S. **A Cultura Afro-Brasileira nas aulas de Educação Física m Escolas da Rede Municipal de Ensino de São Jose: dilemas envolvendo a efetivação da lei 10.639/03**. (Monografia de Conclusão de Curso) Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

FLORIANÓPOLIS, SC. **Matriz Curricular para Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Básica** – Prefeitura Municipal de Florianópolis Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis, SC. 2016 b. p. 120

FLORIANÓPOLIS, SC. **Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis** Organizado por CLAUDIA. C. Z.; ANA R.F. B. de; ROSÂNGELA. M. – Florianópolis: Prefeitura de Florianópolis. Secretaria de Educação, 2016,a. 278 p. : il.

GATINHO, A. A. **Práticas de História e Cultura Afro-brasileira em escolas públicas**. Tese de Doutorado. Educação e Currículo. Universidade do Estado da Bahia. 2018. Disponível em: < <https://www.nexojournal.com.br/academico/2018/01/31/Como-%C3%A9-o-ensino-de-hist%C3%B3ria-e-cultura-afro-brasileira-nas-escolas-C3%BAblicas>. Acesso em: 19/10/2019.

GOMES, N. L. (org.) **Práticas Pedagógicas de trabalho com as relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03**. Brasília: MEC; UNESCO, 2012, 424p.

GUEDES, E.; NUNES, P.; DE ANDRADE, T. **O uso da lei 10.639/03 em sala de aula**. Revista Latino-Americana de História, v. 2, n. 6, p. 421-430, 2013.

IBGE, **População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos**. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos> Acesso em: 5 nov. 2019.

LIMA, V. de W. **Formação dos professores de educação física nas relações étnico-raciais, após uma década de existência da lei 10.639/03**. 2015. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/52869>>. Acesso em : 13 out. 2016.

MACAMO, A.J.; PINTO, F. M. **Jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras na educação física escolar: um relato de experiência**. Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica. 2016 v. 2, n. 1, p. 360-370.

MACAMO, A. J.; AZEVEDO, N. de S. **Ensinando práticas corporais de origem afro-brasileira e africana na educação física escola.**: Cadernos de Formação RBCE, 2013. 13 p

MARANHÃO, F. **Jogos Africanos e Afro-Brasileiros nas aulas de Educação Física; Processos Educativos das relações étnico-raciais**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de São Carlos, São Carlos.

MARANHÃO, F.; GONÇALVES JUNIOR, L. **Jogos africanos e afro-brasileiros na educação física escolar: processos educativos inter-étnicos**. COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA, v. 4, p. 696-709.2007.

MARCON, F.; SOGBOSSI, H. B. (Org.). **Estudos africanos, história e cultura afro-brasileira: olhares sobre a Lei 10.639/03**. São Cristovão, SE: Editora UFS, 2007. 112 p.

MINAYO, M. C. S. et al.(org) **Pesquisa Social: teoria método e criatividade.** 21ª ed. Petrópolis, 2002, 80 p.

MUNANGA, K. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP São Paulo / SP**, n. 68, p.46-57, mar. 2006.

PARAIZO, L. **Diminui em SC combate à discriminação nas escolas.** Diário Catarinense, Santana Catarina, 07 de outubro de 2019. Caderno Educação, p.3.

PRISTA, A. et al. **Jogos de Moçambique.** Instituto nacional de educação física, 1992.

PEREIRA, A.S.M. et al. Aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas aulas de educação física: diagnóstico da rede municipal de Fortaleza/CE. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s.l.], v. 41, n. 4, p.412-418, out. 2018. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2018.06.004>.

PEREIRA, A.; GONÇALVES JUNIOR, L.; SILVA, P. B. G. Jogos africanos e afro-brasileiros no contexto das aulas de educação física. In: **XII Congresso da Association Internationale pour la Recherche Interculturelle (ARIC): diálogos interculturais: descolonizar o saber e o poder**, 2009, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2009. p.1-18.

ROSA, J. M.; BACKES, J. L. O ensino da literatura africana na Educação Básica: observações iniciais. In: **IV seminário povos indígenas e sustentabilidade: saberes tradicionais e formação acadêmica**, 8., 2011.

REIS, V. F.; PEREIRA, J. da S. N. A Cultura Afro-Brasileira Como Conteúdo A Ser Ensinado Nas Aulas De Educação Física. **Encontro nacional de produção científica.** 25 a 28 de out. Parana, Maringa, 2011.

REZENDE, F. **As novas tecnologias na prática pedagógica sob a perspectiva construtivista.** Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte), v. 2, n. 1, p. 70-87, 2000.

PRODANOV, C.C.; FREITAS, E. de C., **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

SANTOS, M. V. dos. O estudante negro na cultura estudantil na educação física escolar. 2007. 240 f. Dissertação (Mestrado) - **Curso de Educação Física**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12900/000634740.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

SOARES, N. **A didática e o negro**, Curitiba: Artes Gráficas e Editora Unificada, 1988.

SOUZA, Marina de M. **África e Brasil africano.** São Paulo: Ática, 2006, 175 p.

SOUZA, A. X. **O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e a ação da SMED-BH na promoção da igualdade racial na educação.** 2016. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10098-diretrizes-curriculares&Itemid=30192>. Acesso em: 16 maio 2018.

SILVA, R.; TOBIAS, J. da S. **A educação para as relações étnico-raciais e os estudos sobre racismo no Brasil.** *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 65, p. 177-199, dez. 2016.

SILVA, I. F. **A educação física e as danças populares brasileiras de matriz africana e indígena: reflexões sobre as leis 11.645 e 10.639.** 2010.

PARAIZO, L. **Diminui em SC combate à discriminação nas escolas.** *Diário Catarinense*, Santana Catarina, 07 de outubro de 2019. Caderno Educação, p.3.

PEREIRA, A.; GONÇALVES JUNIOR, L.; SILVA, P. B. G. Jogos africanos e afro-brasileiros no contexto das aulas de educação física. In: **XII Congresso da Association Internationale pour la Recherche Interculturelle (ARIC): diálogos interculturais: descolonizar o saber e o poder**, 2009, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2009. p.1-18.

Pedagogia em Ação, Minas Gerais, v. 7, n. 1, p.7-26, 2009.

ZUIN, E. de S. L.; SANT'ANA, N. A. S.dos. Produzindo aproximações da cultura africana com a Matemática escolar: a utilização do jogo mancala. **Revista do curso de pedagogia PUC Minas** v.7, n.1, 2015.

MARIA, J.L. de; SILVA, M.R.DA. Em busca das pistas sobre a historiografia da cultura lúdica das crianças negras em Santa Catarina. **Motrivivência**. v 23, p.191-216, 2004.

APÊNDICE 1

Questionário simplificado – para uma turma do 3º ano do ensino fundamental.

ATIVIDADE - JOGOS E BRINCADEIRAS AFRICANAS E AFRO-
BRASILEIRAS

Professora Evelin Francisco Lourenço – Educação Física

Escola:

Data:..... **Turma:**.....

1) O que é África?

2) Qual sua descendência?

Boa Sorte!

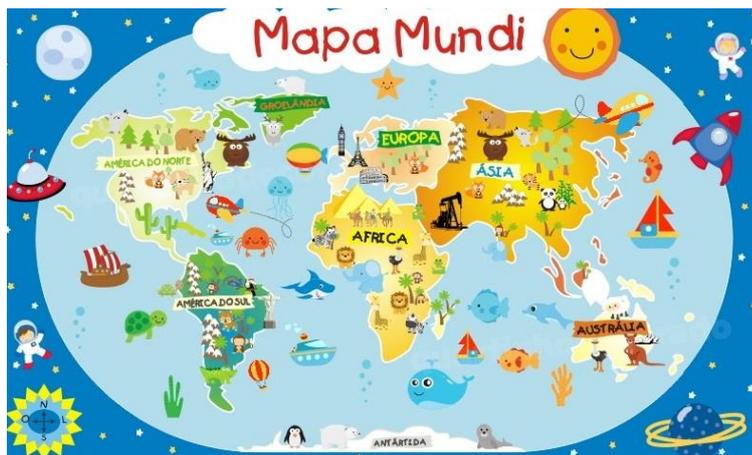
APENDICE 2

Questionário de conhecimentos gerais sobre e o mancala.

Escola Desdobrada José Jacinto Cardoso
Educação Física – Jogos e Brincadeiras Africanas e Afro-Brasileiras
Prof. Evelin Lourenço – Acadêmica do Curso de Educação Física

Nome: _____ Turma: _____

MANCALA: O Jogo mais Antigo do Mundo!



O jogo africano Mancala vem de longa data, cerca de 7.000 anos, e, ao que tudo indica, é o “pai” dos jogos. Sua origem encontra-se no continente africano, mais precisamente no Egito. Seus tabuleiros mais antigos foram encontrados no Egito e na Síria que depois de espalhou pela África até chegar em todos os continentes.

Mancala : Jogo da Vida

Mancala é um jogo de estratégia relacionado à lançar a terra as sementes. Tem origem na palavra árabe *nagaala* que significa “mover”. O jogo simula (fingir) a semeadura, a germinação das sementes na terra, o desenvolvimento e a colheita.

1- Responda as questões abaixo:

- Qual é a origem do Jogo *Mancala*?
- Aonde foi encontrado os tabuleiros mais antigos?
- Qual é o significado da palavra *nagaala*?
- O Jogo simula ?



Caça Palavras:

AMSIDNMKDJFNIGRIT
BAJURLSEMEARTOUR
VNCARULPTGIONBRT
XCBRTUAFRICABJYK
KAERTYIPKMNGTDXZ
RLWTUIJNMKFRUPN
WACOLHEITABGHTUO

